

ABORDAGEM FILOSÓFICA DOS CONTEÚDOS COMO CONDIÇÃO DE POSSIBILIDADE DO FILOSOFAR

*PHILOSOPHICAL APPROACH OF CONTENT AS A CONDITION OF
POSSIBILITY TO PHILOSOPHIZE*

Rita de Athayde Gonçalves¹

Resumo

A abordagem dos conteúdos tratados na disciplina de Filosofia como a condição necessária para tornar a aula de Filosofia uma atividade filosófica é o foco de investigação desse artigo. Para proporcionar ao jovem o filosofar é preciso que se saiba o que se quer com a disciplina na escola, percebendo-a como algo que instiga o movimento do pensamento, não permitindo o mesmo se cristalice ao problematizar a realidade e que proporciona aos sujeitos o conhecimento do mundo e de si mesmos. O modo como a disciplina de Filosofia é tratada, principalmente quanto à metodologia de ensino, é um dos principais problemas que se enfrenta, atualmente, para tornar a aula filosofia filosófica. Considerando-se que o ensino de Filosofia não pode estar subjugado a uma didática ou metodologia no sentido técnico do termo, pois o filosofar é dinâmico, não linear e tem que estar aberto a novas possibilidades, se pode pensar algumas abordagens ou a construção de uma atitude filosófica para o ensino de Filosofia. Esse estudo discute a questão a partir de três percepções sobre o ensino de Filosofia: a educação dialógica proposta por Sofiste, a aula de Filosofia como produção de conceitos desenvolvida por Gallo e o ensino de Filosofia como a possibilidade “de dar lugar a irrupção do pensamento do outro” (2009), construída por Cerletti.

Palavras-chave: Ensino. Filosofia. Filosofar

Abstract

The approach of the contents treated in the discipline of philosophy as a necessary condition to make the Philosophy class a philosophical activity is the research focus of this article. To provide to the young philosophize it is necessary to know what you want with discipline in school, seeing it as something that encourages the movement of thought, not allowing it to crystallize in discussing reality that gives individuals the knowledge the world and themselves. The way the discipline of Philosophy is treated, especially regarding to teaching methodology, is one of the main problems to face now, to make the Philosophy class a philosophical activity. Considering that Philosophy teaching cannot be hitched to a technical teaching or methodology, because to philosophize is dynamic and nonlinear and has to be open to new possibilities, one can think of some approaches or appropriate proposals to construction of a philosophical attitude to Philosophy teaching. This study discusses the question from three perceptions about the teaching of Philosophy: a dialogical education proposed by Sofiste, a philosophy class as the production of concepts developed by Gallo and the teaching of Philosophy as the possibility of "giving rise to the eruption of thought other" (2009), built by Cerletti.

Keywords: Teaching. Philosophy. Philosophize

1 FILOSOFIA E FILOSOFAR

Uma das questões que mais inquieta os formadores de professores de Filosofia e os próprios professores que atuam no Ensino Médio é: como tornar a aula de filosofia filosófica? Essa pergunta, aparentemente simples, esconde uma dimensão complexa, pois para esclarecê-la ou pelo menos tentar aproximar uma resposta, tem-se que pensar em uma

¹ Professora do Curso de Filosofia do Centro Universitário Franciscano – UNIFRA, Mestre em Educação pela UFSM.

questão importante e elaborada no âmbito global, a saber: o que é a Filosofia e para que serve, pergunta constantemente feita pelos estudantes de ensino médio. Heidegger reflete sobre o sentido da Filosofia no texto “O que é isto – a filosofia” e destaca a complexidade de defini-la:

Com esta questão tocamos um tema muito vasto. Por ser vasto, permanece indeterminado. Por ser indeterminado, podemos tratá-lo sob os mais diferentes pontos de vista e sempre atingiremos algo certo. Entretanto, pelo fato de, na abordagem deste tema tão amplo, se interpenetrarem todas as opiniões, corremos o risco de nosso diálogo perder a devida concentração. Por isso devemos tentar determinar mais exatamente a questão. Desta maneira, levaremos o diálogo para uma direção segura. Procedendo assim, o diálogo é conduzido a um caminho. Digo: a um caminho. Assim concedemos que este não é o único caminho. (2006, p. 15)

Em Filosofia há o entendimento de que de que existem tantas definições de Filosofia quantos filósofos existirem. Logo, compartilha-se a ideia de que definir Filosofia não é uma tarefa fácil e que somente apenas se pode estabelecer algumas características da Filosofia e não uma definição, o que é mais provável.

Heidegger (2006) estabelece uma relação entre o filosofar e o espanto não como uma novidade, pois afirma que já para Platão e Aristóteles a Filosofia se inicia com a perplexidade diante da realidade, do desconhecido e que, segundo esses filósofos, o filosofar é uma “dis-posição” inerente ao homem. O *Thaumàzein* – espanto - é o que move o homem na busca constante do saber filosófico, não significa apenas o impulso inicial, mas o desejo de saber, que move continuamente o filosofar:

Platão diz (Teeteto, 155 d): *Mála gàr philosóphou touto tò páthos, tò thaumázein, ou gàr álle archè philosophías hē haúte*. “É verdadeiramente de um filósofo estes *pháthos* — o espanto; pois não há outra origem imperante da filosofia que este.” O espanto é, enquanto *páthos*, a *archè* da filosofia. Devemos compreender, em seu pleno sentido, a palavra grega *archè*. Designa aquilo de onde algo surge. Mas este “de onde” não é deixado para trás no surgir; antes, a *archè* torna-se aquilo que é expresso pelo verbo *archein*, o que impera. O *páthos* do espanto não está simplesmente no começo da filosofia, como, por exemplo, o lavar das mãos precede a operação do cirurgião. O espanto carrega a filosofia e impera em seu interior. Aristóteles diz o mesmo (Met. A 2, 982 b 12s): *dià gàr tò thaumázein hoi ánthropoi kai nyn kai prôton ércsanto philosophei*. “Pelo espanto os homens chegam agora e chegaram antigamente à origem imperante do filosofar” (àquilo de onde nasce o filosofar e que constantemente determina sua marcha). (p. 29-30)

Embora existam muitas definições de Filosofia a maioria concorda que esta é uma reflexão e uma busca continua para satisfazer o desejo de conhecer, sem a pretensão de, na

maioria das vezes, encontrar respostas definitivas ou “resultados substanciais consensuais” (MURCHO, 2009), o que não quer dizer que algumas vezes não possa encontrá-los; é um saber que não se completa, pois cada investigação se constitui em novo problema, que é pergunta, questionamento e não o monopólio da verdade, que é um posicionar-se diante dos problemas do mundo e da vida. A dificuldade em responder a sobre o que é Filosofia ou para que serve, só de ser superada no próprio processo de filosofar, ou seja, a Filosofia não se consegue fechar em um conceito, mas se compreendo o que é a partir do momento em que se assume uma atitude filosófica. Sem rotular a Filosofia como isto ou aquilo, as características acima são suficientes, mesmo que minimamente, para “justificar²” a pergunta feita pelos jovens: o que é e para que serve a Filosofia?

Outro aspecto inquietante quando se trata sobre o ensino de Filosofia são as três questões fundamentais discutidas pelos professores filósofos: *o que ensinar* (conteúdos), *para que ensinar* (objetivos) e *como ensinar* (metodologias).

Quanto ao conteúdo a ser tratado, embora existam posições divergentes – História da Filosofia, temas filosóficos ou temas cuja discussão tem como substrato as teorias filosóficas - é uma decisão que vai depender do contexto onde esse ensino é desenvolvido e das escolhas do professor.

A pergunta sobre para que ensinar ou para que serve a Filosofia e qual seu objetivo, é fundamental para se entender como a aula de Filosofia pode proporcionar o filosofar. Murcho resume com precisão que “o objetivo genuinamente filosófico da filosofia é ensinar a filosofar”. (2009, p. 225) e complementa essa ideia ao assegurar que:

A filosofia, como a ciência, como a arte e como a religião, serve para alargar a nossa compreensão do mundo. Em particular, a filosofia oferece-nos uma compreensão da nossa estrutura conceptual mais básica, oferece-nos uma compreensão daqueles instrumentos que estamos habituados a usar para fazer ciência, para fazer religião e para fazer arte, assim como na nossa vida quotidiana. (Internet, 2000, p.12)

O objetivo da Filosofia na escola média, de modo bastante genérico, se pode constatar no Parecer que regulamenta a como disciplina obrigatória:

Preliminarmente, reitera-se a importância e o valor da Filosofia e da Sociologia para um processo educacional consistente e de qualidade na formação humanística de jovens que se deseja sejam cidadãos éticos, críticos, sujeitos e protagonistas. Esta relevância é reconhecida não só pela argumentação dos

² É uma prática recorrente na aula de Filosofia no Ensino Médio que o professor precise “justificar” porque a disciplina está no currículo. Mesmo depois da obrigatoriedade essa questão ainda continua presente.

proponentes, como por pesquisadores e educadores em geral, inclusive não filósofos ou não sociólogos.

(PARECER CNE/CEB Nº: 38/2006, p. 2)

De acordo com o Parecer, a Filosofia é uma das disciplinas escolares que proporciona ao jovem a formação humanística, fundamental para a educação de sujeitos autônomos, que sejam reflexivos éticos e críticos, tão necessária quanto os outros conhecimentos. Não é uma disciplina instrumental que está no currículo apenas com um caráter utilitário, como uma ferramenta para transmitir conhecimentos gerais que promovam o acesso à cidadania³, ou para provocar a manifestação do senso críticos, pois essa tarefa é de todos os componentes curriculares.

Para proporcionar ao jovem o filosofar é preciso saber o que se espera da disciplina na escola. É preciso ter presente que a Filosofia instiga o movimento de pensamento não permitindo que este se cristalice, proporciona aos sujeitos o conhecimento do mundo e de si mesmos. Esses motivos já são suficientes para justificar a necessidade de Filosofia.

2 COMO ENSINAR FILOSOFIA?

Há metodologias que se mostrem mais adequadas para ensinar Filosofia? É possível construir uma Didática⁴ para o ensino de Filosofia que possa dar conta de métodos e técnicas apropriadas ao seu ensino? Antes de se discutir sobre essa questão é prudente que se considere o nível intelectual do aluno no ensino médio, a fase de desenvolvimento⁵ em que se encontra para que a disciplina contemple o seu perfil, suas expectativas e experiências.

³ Esta aceção se encontra na primeira redação do Art. 36 da LBDEN 9394/96, no qual estava previsto que o egresso do ensino médio deveria apresentar conhecimentos de Filosofia que servissem ao exercício da cidadania. Esse inciso foi revogado pela Lei 11.684, de 2008 que institui a Filosofia a como disciplina obrigatória.

⁴ Segundo Libâneo (1990) a Didática “investiga os fundamentos, condições e modos de realização da instrução e do ensino. A ela cabe converter objetivos sócio-políticos e pedagógicos em objetivos de ensino, selecionar conteúdos e métodos em função desses objetivos, estabelecer os vínculos entre ensino e [aprendizagem](#), tendo em vista o [desenvolvimento](#) das capacidades mentais dos alunos. [...] trata da teoria geral do ensino”. (p. 25-6). Nesse sentido, a Filosofia como disciplina escolar não pode prescindir de uma Didática, pois estabelecer suas condições e maneiras de realizar o ensino e deve fazê-lo de acordo com a sua especificidade.

⁵ Para aprofundamento sobre esse assunto consultar BOAVIDA, João. **Filosofia de ser e do ensinar**: proposta para uma nova abordagem. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1991.

Barbosa (2008) ao refletir sobre a disciplina de Filosofia no nível médio chama a atenção para o fato de que a escola pública é responsável pelo atendimento da maioria dos estudantes brasileiros desse nível de ensino. Quanto ao interesse desses alunos pelo ensino afirma:

Se levarmos em consideração a possível condição de classe dos alunos freqüentadores dessas escolas, provavelmente não incorremos em erro ao inferirmos que seus interesses possam estar ligados à satisfação de necessidades mais “vitais”, como, por exemplo, conseguir uma ocupação ou um emprego para ajudar a família. De um modo geral, esses alunos não demonstram interesse (pelo menos de modo aparente) pelo currículo de caráter propedêutico, muitas vezes oferecido pela escola. Eles parecem não querer “perder tempo” com a chamada “cultura erudita”, mas querem “saberes prático”. Saberes que os ajudem a se situarem no seu mundo real, no mundo do trabalho. Nesse quadro, qual o sentido que adquire, ou pode adquirir, o ensino de filosofia para esses alunos? Como será que eles percebem a filosofia enquanto disciplina do currículo escolar?(2008, p. 134)

Considerando as condições concretas, o contexto em que se desenvolve a educação no Brasil e o perfil do jovem que frequenta a escola se pode entender com maior nitidez porque é tão difícil trabalhar com a disciplina de Filosofia na escola.

Esse problema suscita várias hipóteses como os desafios inerentes ao mundo em que vive o jovem, ou seja, a sociedade da informação, na qual ele tem acesso irrestrito ao mundo virtual através das redes sociais, da internet, do uso games e de telefones celulares última geração, porém sem a finalidade de conhecimento aprofundado. Logo, para esse jovem, continuamente conectado, o pensar, o refletir não tem muito sentido. Outros motivos que tornam difícil a Filosofia na escola: prevalece ainda a perspectiva positivista de valorização das disciplinas das áreas de ciências físico-biológicas e matemáticas e o acesso restrito à formação continuada para os professores que atuam no ensino médio. A esses fatores acrescenta-se um aspecto fundamental que precisa ser enfrentado para que a aula de Filosofia leve ao filosofar: a maneira como os conteúdos são abordados em aula se apresenta insuficiente, muitas vezes, para desenvolver no estudante uma atitude filosófica.

As dificuldades inerentes ao ensino de Filosofia na escola média se intensificam ainda mais quando se busca compreender o que diferencia a disciplina dos demais componentes curriculares e porque a Filosofia não é valorizada pelo jovem. Uma das respostas se encontra no modelo educacional vigente no Brasil, na medida em que a educação brasileira ainda se desenvolve a partir do paradigma tradicional, no qual o modelo educacional prioriza a reprodução, não incentiva o questionar e não estimula o pensamento autônomo. As disciplinas são saberes isolados ou quase incomunicáveis que, na maioria das vezes,

trazem conhecimentos prontos visando uma assimilação mecânica. A educação atual, com algumas exceções que estão surgindo na prática pedagógica, não exige que o estudante tome uma posição crítica diante dos problemas.

Nesse contexto está a Filosofia, que não tem a pretensão de ser detentora da verdade, que não precisa, necessariamente, oferecer respostas, mas levantar problemas, que não traz teorias prontas, acabadas, mas tem caráter processual, está sempre se fazendo, que se propõe a questionar a realidade de forma global, sem fragmentá-la. A Filosofia não pode ser *ensinada*⁶ no sentido das outras disciplinas, por ser um conhecimento aberto, não linear, a priori e conceptual e não consensual. Sobre essas características da Filosofia, Murcho (2009) destaca que essa:

[...] distingue-se de disciplinas como a história ou a física por apresentar poucos resultados consensuais: a maioria dos problemas centrais da filosofia continuam em aberto. Não há respostas amplamente consensuais sobre se temos ou não o livre arbítrio [...] Isso contrasta com a história, a biologia ou física; pois nessas disciplinas há muitíssimos resultados amplamente consensuais. [...] A filosofia não é uma disciplina empírica como a história ou a física. É uma disciplina a priori ou que se faz pelo pensamento apenas. (p. 213 – 17)

3 PROPOSTAS SOBRE ENSINO DE FILOSOFIA

A perspectiva através da qual a disciplina de Filosofia é trabalhada no nível médio é um dos principais problemas que se enfrenta, atualmente, para tornar a aula de Filosofia uma atividade filosófica. Os conteúdos tratados são filosóficos, na maioria das vezes, os objetivos da disciplina que constam nos planos de estudos também, mas a abordagem que é feita em aula, que deveria despertar o aluno para o filosofar, a problematizar e argumentar, muitas vezes, não é.

Embora não existam receitas ou fórmulas, alguns filósofos vêm se ocupando desse “novo problema” filosófico.

3.1 SOFISTE E A INVESTIGAÇÃO DIALÓGICA

Sofiste (2007) ao pensar uma proposta para o ensino de Filosofia optou pelo método dialógico ou socrático, por considerar o diálogo essencial para o filosofar. Considera que os textos filosóficos são o suporte para que a investigação dialógica se

⁶ Essa terminologia se refere à possibilidade de que o jovem filósofo independente da abordagem que se use na aula de Filosofia. Não se está discutindo aqui se é possível (ou não) ensinar Filosofia como quem ensina física ou literatura, no sentido tradicional de transmitir conhecimentos.

desenvolva e garante que esse procedimento não é uma aula no sentido formal, do ponto de vista de uma didática tradicional, mas "um programa de filosofia que tem como objetivo proporcionar experiências de filosofar aos educandos da educação média"(p.127).

De acordo com Gonçalves, Sofiste:

[...] propõe a investigação dialógica como metodologia para o ensino de Filosofia, considerando que a pedagogia socrática é fundada no diálogo e investigação, portanto adequada ao processo de ensino em Filosofia. Sócrates não ensina, "não dá aulas", mas cria condições para que o discípulo filosofe por si mesmo, tornando o educando o sujeito do processo, que cria conhecimentos a partir da intersubjetividade. Nessa proposta filosofar é o conteúdo e o método: pode-se chegar ao filosofar através do conhecimento filosófico constituído ou do ensino de Filosofia (história, temas, etc.), mas esse é um meio para o filosofar e não a finalidade. (GONÇALVES, 2010, p. 45-6)

A pedagogia socrática parte do pressuposto de que o discípulo reconheça e aceite o seu desejo de saber e que, só assim, inicie o processo do conhecimento, desemaranhando seu pensamento das ideias distorcidas e fragmentadas. Nesse processo, a função do mestre é de ser o orientador que cria situações para que o discípulo sinta a necessidade conhecer e filosofe por si mesmo, pois Sócrates, partindo do pressuposto de "nada saber", dialoga, discute, mas não ensina. A aula de Filosofia, segundo esse método é o espaço da criação de ideias que devem brotar do próprio aprendiz, mas que tem como pressuposto uma característica essencial de quem quer filosofar: o reconhecimento de que filosofar é busca contínua da verdade, sem a prepotência de se abrangê-la inteiramente. Assim, a aula de Filosofia deve proporcionar ao estudante o cultivo e o desenvolvimento do pensar, sendo uma atividade na qual ele se apropria e cria conhecimentos a partir da intersubjetividade e, deste modo, aprende a refletir.

Na investigação dialógica, o educando conceitua, interpreta, raciocina, investiga, relaciona com o outro etc., isto é, perde o *status* de aluno passivo que apenas escuta a aula, copia a matéria, decora e faz prova, e o educador, por sua vez, torna-se um parceiro de investigação, convivência e diálogo na criação do conhecimento e valores. (SOFISTE, 2007, p. 88)

Na abordagem de Sofiste, o ensino de Filosofia se faz a partir de uma metodologia específica, que tem como modelo o método socrático, na medida em que Sócrates, por acreditar nas ideias inatas, afirma não ser possível ensinar Filosofia, mas sim orientar o outro para que busque de dentro de si o conhecimento inato que se encontra esquecido, portanto que ele filosofe por si mesmo. Porém Sofiste (2009), por conceber a Filosofia como uma

atividade que, como tal, não tem conhecimentos acabados para transmitir, defende que seu objetivo é ensinar a realizar essa atividade ou “ensinar o aluno a filosofar”, o que se faz a partir de um método filosófico.

O ensino de Filosofia desenvolvido a partir do método dialógico, permite que o estudante realize a experiência do filosofar, pois pela superação de contradições implícitas na fala dos interlocutores pode elaborar e reelaborar o conhecimento, criar argumentos e posicionar-se diante da realidade em que vive. Evita-se que a aula de Filosofia seja uma simples reprodução de conteúdos dissociados da realidade.

3.2 ENSINO DE FILOSOFIA COMO A EMERGÊNCIA DO PENSAMENTO DO OUTRO

No entendimento de alguns filósofos que tratam sobre o tema para que o ensino de Filosofia leve ao filosofar, deve ser tratado como um problema filosófico e não metodológico.

Para Cerletti (2009) ensinar Filosofia é um problema filosófico, conceptual, logo não depende de estratégias ou metodologia de ensino. Assim sendo, os procedimentos didáticos possuem valor relativo diante da posição filosófica do professor. “Portanto, a ‘maneira’ de ensinar dependerá, mais do que da aplicação de técnicas gerais ou supostamente neutras, da relação de cada professor com a Filosofia e do lugar que na aula se concede ao filosofar”. (p. 80). As estratégias de ensino em Filosofia, embora sejam necessárias, se mostram impotentes para promover o filosofar, pois esta é uma decisão pessoal, que envolve a subjetividade do sujeito filosofante. Deste modo, o autor acredita que “Não há planejamento de aula que possa dar conta da irrupção do pensamento do outro”. (2009, p. 81). Complementando o seu pensamento reafirma que:

O limite de toda a estratégia didática é o surgimento do pensamento do outro. Por isso ensinar/aprender filosofia (a filosofar) é uma tarefa compartilhada. [...] O pensar de outros é a irrupção aleatória do diferente e constitui o desafio filosófico do professor-filósofo [...] e não apenas um desafio didático. *Ensinar Filosofia é dar lugar o pensamento do outro.* (2009, p. 86-7)

Cerletti defende que existem muitos procedimentos interessantes, que podem ser usado para ensinar Filosofia, mas que nenhum deles pode oferecer certeza de que o

filosofar aconteça, assim como os textos filosóficos são meios, mas não a condição para o filosofar.

Logo, o que pode fazer com que o estudante filosofe, não são os métodos mas a capacidade do professor em deixar emergir o pensamento do outro com quem ele que dialoga. Assim sendo, qualquer tentativa de estabelecer técnicas de ensino que se julguem mais adequadas a determinados conteúdos filosóficos, que possam ser aplicadas com sucesso na docência dessa disciplina, podem ser fracassadas, pois em Filosofia cada aula é um momento único, no qual o pensar está sempre em movimento e não há lugar para a repetição. Porém, o autor admite que seja preciso elaborar certo planejamento, coerente ao desenvolvimento dos estudantes, mas que tenha como referência a flexibilidade na escolha dos procedimentos adotados, tendo em vista o desejo de filosofar, a produção, a criação e não a repetição.

As metodologias e estratégias são importantes, especialmente no trabalho com adolescentes, no qual o professor precisa, muitas vezes, estimular nos mesmos o interesse pela Filosofia e metodologias do ensino constituem-se em meios que contribuem para despertar o pensar reflexivo.

3.3 FILOSOFIA COMO PRODUÇÃO DE CONCEITOS

Gallo se questiona sobre a ensinabilidade da Filosofia e afirma que é possível ensiná-la. Para ele a Filosofia é a experiência com conceito, designando-a como uma atividade de produção conceitual. Propõe um roteiro metodológico desenvolvido em quatro momentos consecutivos, como o objetivo de oportunizar a experiência filosófica ao jovem, através do qual expõe como produzir, didaticamente, uma aula de Filosofia onde o estudante experimenta, testa e cria conceitos.

O primeiro momento é sensibilização, que visa despertar o interesse do aluno pelo tema que será investigado que deve, portanto, ser significativo para ele e tocá-lo subjetivamente. Gallo (2005) afirma que o problema filosófico deve ser vivido pelo aluno a partir de recursos não filosóficos que pertençam ao “universo cultural dos adolescentes”, que digam respeito à sua experiência existencial, como um filme, obras de arte, música entre outros. Segundo Gallo e Aspis “[...] criamos uma situação de aproximação dos problemas filosóficos a serem tratados com o universo dos alunos através de recursos

imagéticos, musicais e textuais diversos – chamamos esta fase de sensibilização”. (2009, p. 80)

A problematização é a segunda etapa desse processo e objetiva fazer com que o aluno entenda o tema como problema, ou seja, que elabore o tema em forma de problema, que crie questões, movendo o filosofar na busca do conhecimento do tema. A problematização é o início do filosofar.

Após a problematização se chega à investigação, momento em que ocorre a busca dos conceitos que vão aprofundar o entendimento do tema, utilizando-se textos filosóficos. Aqui se dá a análise das teorias que permitem compreender racionalmente o que foi problematizado. Gallo assegura que na “[...] etapa de investigação, revisitamos a história da Filosofia. Ela não é tomada como centro do currículo, mas como um recurso necessário para pensar o nosso próprio tempo, nossos próprios problemas”. (2005, p. 399)

A quarta etapa é a conceituação, na qual ocorre a criação de conceitos, que representa a efetivação do ato de filosofar, que para Gallo significa “*recriar* os conceitos encontrados de modo a equacionarem nossos problemas, ou mesmo de *criar* novos conceitos.[...] Aqui, nessa etapa final, trata-se de fazer o movimento filosófico propriamente dito, isto é, a criação de conceitos. (2005, p. 399). Logo, sensibilização, problematização, investigação e criação de conceito são os momentos que compõem a aula de Filosofia, partido sempre do que ele chama de “universo cultural dos adolescentes”.

Os momentos sugeridos por Gallo para a iniciação filosófica dos jovens tem como ponto de partida a realidade cultural em que o adolescente vive e representam não um método, mas uma diretriz para o ensino desse componente curricular. Avalia que o objetivo da Filosofia na escola é proporcionar a experiências filosóficas ao jovem, que supram as suas carências e a sua proposta pode ser um modo eficiente de desenvolver a aula de Filosofia, se os professores souberem optar pelos elementos mais adequados para realizar esse ensino, de acordo com a especificidade e caráter aberto da disciplina.

CONCLUSÃO

Com o novo status assumido pela disciplina de Filosofia no ensino médio, como componente curricular obrigatório, as questões que vem a algum tempo sendo tema de pesquisa filosófica, passam a ser foco de preocupação dos professores de Filosofia, que atuam nesse nível de ensino.

Como dar uma boa aula de Filosofia é uma das questões permanentes das reflexões dos professores, quando se trata do ensino dessa disciplina. Reafirma-se que não existem regras ou modelos infalíveis. Depende da criatividade e habilidade do professor e das escolhas que faz, orientando o seu trabalho para despertar no estudante o gosto pelo filosofar.

As propostas de Sofiste, Gallo e Cerletti são diretrizes importantes para que a aula de Filosofia se torne, efetivamente filosófica. Essas diretrizes, na sua diversidade, demonstram que pelo caráter aberto da Filosofia, não é possível submetê-la a um modelo didático e metodológico que a abranja em toda a sua especificidade. A investigação dialógica, a Filosofia como produção de conceitos e ensino de Filosofia como a emergência do pensamento do outro se constituem como modalidades que podem contribuir significativamente com a prática pedagógica da disciplina de Filosofia na escola média.

A Filosofia, embora sendo um conhecimento a priori, precisa despojar-se de alguns preconceitos quanto ao seu ensino, como o que considera desnecessária a seleção de técnicas diversificada, pois nessa perspectiva a Filosofia se faz apenas com leitura de textos e discussões. Essa metodologia é apropriada a academia, aos cursos de Filosofia. O que se quer é dar maior visibilidade a Filosofia e que os indivíduos que não pretendem seguir uma carreira acadêmica nessa área, constituam uma atitude filosófica e se iniciem no filosofar.

Fala-se em novas metodologias, em Didática especial para o ensino de Filosofia, em Filosofia do ensino de Filosofia, mas se verifica que todas as metodologias, se abordadas em uma perspectiva filosófica, levam ao filosofar. Os elementos que não podem faltar no ensino de Filosofia são as leituras de textos filosóficos e o desenvolvimento de habilidades filosóficas como a análise, argumentação e problematização, intercaladas com recursos não filosóficos, também necessários ao filosofar. A inter-relação com os recursos provenientes de outros saberes como a arte, cinema, literatura, ciências entre tantos outros, também são forma criativa de propiciar essa inserção na Filosofia, assim como o planejamento de estratégias que supram as necessidades e sejam coerentes com o nível de desenvolvimento psicológico do aluno. Portanto, a metodologia apropriada para a o processo do filosofar, deve ser a que desperta no estudante o interesse pela problematização e reflexão sobre temas que dizem respeito ao seu cotidiano. Entretanto a aula de Filosofia não deve se tornar o lugar onde prevalece o discurso de senso comum, no

qual é feito apenas o relato das experiências cotidianas do aluno, mas que essas sejam transformadas em problemas ou tratadas em uma abordagem filosófica. Nesse caso, reitera-se que qualquer metodologia é apropriada para o ensino de Filosofia, desde que proporcione o filosofar e isso depende da habilidade do professor de sensibilizar o estudante para o reconhecimento do caráter essencial da Filosofia.

REFERÊNCIAS

- ASPIS, Renata Lima, GALLO, Silvio. **Ensinar Filosofia**: um livro para professores. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009. P.
- BARBOSA, Claudio Luis de Alvarenga. Didática e filosofia no ensino médio: um diálogo possível. **Educação Unisinos** 12(2):133-142, maio/agosto 2008. Disponível em http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_educacao/vol12n2/07.pdf. Acesso em, 20/09/2011
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº 38/2006 de 07 de julho de 2006. **Inclusão obrigatória das disciplinas de Filosofia e Sociologia no currículo do Ensino Médio**. Brasília. Agosto de 2006.
- CERLETTI, Alejandro. **O Ensino de filosofia como um problema filosófico**. Belo horizonte: Autêntica, 2009.
- GALLO, Silvio. Filosofia na Educação Básica: uma propedêutica a paciência do conceito. In RIBAS, Maria Alice et al. **Filosofia e Ensino**: a Filosofia na escola. Ijuí: UNIJUI, 2005. p. 389-401.
- GONÇALVES, Rita de Athayde. Considerações sobre o ensino de Filosofia como um problema filosófico. In: GONÇALVES, Rita de Athayde et al (orgs). **Filosofia e interfaces**: 50 anos do curso de filosofia da Unifra. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2010. p. 39–56.
- HEIDEGGER, Martin. **O que é isto – A Filosofia?**: Identidade e diferença. Trad. Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2006.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1992.
- MURCHO, Desidério. A natureza da Filosofia e seu ensino. In: GONÇALVES, Rita de Athayde, OLIVEIRA, Julieta S., RIBAS, Maria A. C. **A Educação na Sociedade dos Meios Virtuais**. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2009. p. 213-31.
- SOFISTE, Juarez Gomes. **Sócrates e o ensino da filosofia**. Petrópolis: Vozes, 2007.